
Revista mantida por grupos de pesquisa em História sediados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e na Universidade Regional do Cariri (URCA), especializada na publicação de artigos de revisão e resenhas de livros de História e Memória.



Vista da Merceria e Bar do "João Turco" (ao centro) | Foto: [João Ferraz](#).

Escuta e asfalto – Resenha de *Caminhoneiros e caminhoneiras*: o alicerce que o Brasil não conhece sob a ótica de um vendedor de broas, de Roberto Rosa

Lirity Vitória Silva Tavares (UFS)

Resumo: *Caminhoneiros e caminhoneiras*: o alicerce que o Brasil não conhece sob a ótica de um vendedor de broas, de Roberto Rosa, busca dar visibilidade a esses trabalhadores invisibilizados. Carece de embasamento teórico e revisão textual. Destaca-se pela linguagem acessível, valor etnográfico e denúncia social sensível e empática.

Palavras-chave: caminhoneiros; transporte rodoviário; relato autobiográfico; crítica social.

A obra *Caminhoneiros e caminhoneiras*: o alicerce que o Brasil não conhece sob a ótica de um vendedor de broas, escrita por Roberto Rosa e publicada em 2024 pela Editora Viseu, insere-se no gênero do relato autobiográfico com viés etnográfico e crítica social. A partir de sua experiência como vendedor de broas em postos e estradas, o autor constrói uma narrativa que busca dar representatividade aos caminhoneiros e caminhoneiras. O livro tem como objetivo central denunciar os silêncios e apagamentos enfrentados por esses trabalhadores e trabalhadoras, que, embora sustentem a economia nacional com seu labor contínuo, permanecem à margem da atenção pública e das políticas sociais.



Roberto Rosa não possui formação acadêmica. É a experiência como vendedor de broas nas estradas e a sua escuta atenta que fazem dele um narrador. Nasceu em 10 de novembro de 1960, em Arcos, Minas Gerais, virou vendedor de broas após uma grande seca em Iteiruçu, onde cuidava de uma fazenda. Essa mudança o colocou em contato direto com os caminhoneiros, e foi daí que surgiu a vontade de registrar o que via e ouvia. O livro foi criado num contexto de crescente precarização do trabalho e de discussões urgentes sobre transporte e logística no Brasil. São sete capítulos, além de introdução e mensagem final, em 125 páginas que misturam descrições, relatos e reflexões.

No capítulo inicial do livro, o autor narra brevemente o modo como o transporte rodoviário de cargas se consolidou como principal elo logístico do país. Ele explica que, a partir da década de 1930, com a construção de estradas e a chegada dos primeiros caminhões, o Brasil passou a abandonar gradativamente as ferrovias como principal meio de transporte de mercadorias (p. 25). Essa mudança foi impulsionada por decisões políticas e econômicas deliberadas, e não por um processo natural, destacando que o transporte de cargas rodoviário foi responsável por ligar regiões antes isoladas, conectar zonas agrícolas e centros urbanos e facilitar a circulação de produtos e pessoas. O autor ressalta que, já na década de 1970, a malha rodoviária tinha se tornado a principal engrenagem logística nacional.

O segundo capítulo mergulha nos aspectos técnicos e históricos do caminhão como principal meio de transporte de cargas no Brasil. O texto começa destacando que grande parte da frota brasileira tem mais de dez anos de uso, o que acarreta constantes quebras, altos custos de manutenção e desafios logísticos. Além disso, o autor traz uma breve linha do tempo do surgimento do caminhão, citando que o primeiro veículo de carga foi criado em 1895, na Alemanha, usando gasolina, e posteriormente cita o primeiro modelo a funcionar com óleo diesel, além do primeiro caminhão produzido no Brasil. O capítulo se concentra em explicar os principais tipos de caminhões utilizados atualmente, como o cavalo mecânico simples e trucado, o caminhão toco, bitrem, rodotrem, entre outros. Rosa também apresenta a classificação técnica dos veículos, como os modelos 3x4 e os chamados veículos e os chamados veículos urbanos de carga (VUCs). Além disso, o capítulo diferencia os três elementos fundamentais: a parte motora do caminhão, cujo nomenclatura é “cavalo”, a carreta, que é o compartimento de carga; e o conjunto, que é a união entre cavalo e carreta. Para facilitar o entendimento, o autor insere imagens ilustrativas de cada modelo descrito.

O terceiro capítulo direciona o foco para a figura do caminhoneiro. Rosa descreve-o como um indivíduo possuidor de paciência, persistência, humildade, controle emocional, espírito

de equipe e solidariedade, qualidades básicas para enfrentar os desafios da estrada e as relações pessoais e profissionais. Além dessas características, o autor compartilha histórias e reflexões sobre o dia a dia dos caminhoneiros, como o companheirismo nas paradas, o compartilhamento de refeições e o auxílio mútuo em situações de risco. Rosa ilustra essa solidariedade ao narrar: “Em momento nenhum das vezes comida foi negada. Acredito que em função de ser tão discriminado, a arrogância não faz parte do dia a dia desse profissional” (p. 49).

Um ponto alto é quando Rosa celebra a primeira mulher caminhoneira brasileira, uma sergipana, como exemplo de força e coragem. É um capítulo que emociona, ao mostrar o caminhoneiro como um ser humano completo, que carrega em si não só a carga do caminhão, mas também a carga emocional de quem está sempre na estrada. Assim, o autor revela as virtudes que sustentam esses profissionais, evidenciando a força moral e a dignidade que emergem em meio às dificuldades.

No quarto capítulo, aborda a saúde física e mental dos caminhoneiros, apontando as consequências do trabalho incessante e da ausência de infraestrutura de apoio. Roberto denuncia a precariedade, a má alimentação e o uso de substâncias estimulantes. Essa condição inadequada de alimentação, aliada ao fator pressão e à longa jornada de trabalho, faz com que a saúde dos caminhoneiros se deteriore à medida que sua idade vai avançando.

Neste capítulo, também é abordada a solidão da estrada; a pressão por prazos e a insegurança nas paradas geram quadros frequentes de estresse, ansiedade e depressão. Além disso, o autor chama atenção para acidentes provocados pelo cansaço extremo, muitos dos quais poderiam ser evitados com melhores condições de trabalho e pausas regulares. Ele enfatiza que há uma romantização da figura do caminhoneiro forte, que não adocece, que aguenta tudo, mas que essa ideia esconde um quadro alarmante de adoecimento silencioso e abandono. Rosa diz que, no Brasil, há uma falta de atenção em nível nacional em relação à saúde dos motoristas de caminhão. Raros postos de gasolina contam com profissionais de enfermagem, geralmente mulheres, que realizam medições de pressão arterial e níveis de glicose. Esse atendimento é feito de forma privada, ou seja, os motoristas precisam arcar com os custos do serviço.

O capítulo seguinte descreve a atividade cotidiana do caminhoneiro desde a coleta de mercadorias, o carregamento e a organização da carga, até a condução e a entrega final. Rosa deixa explícito ao longo deste capítulo que a jornada do caminhoneiro começa muito antes de ligar o motor: espera nos pátios de carga, negociação, checagem de documentação e avaliação das condições de segurança. Durante a viagem, o trabalhador precisa lidar com estradas esburacadas, clima difícil e falta de lugares seguros para descansar.

O sexto capítulo destaca a importância econômica e social do caminhoneiro. O autor inicia destacando que praticamente tudo o que chega às prateleiras, aos lares e aos grandes centros urbanos depende do transporte rodoviário de cargas, que representa cerca de 65% de toda a produção e importação nacional. Quase a totalidade da produção do Agronegócio é movimentada por meio de nossas estradas e caminhões. Esse modo de transporte é fundamental para suprir as demandas da população brasileira, seja levando alimentos para os supermercados, seja fornecendo matérias-primas para as grandes indústrias do país.

Embora sejam responsáveis diretos pelo abastecimento do país – movimentando produtos agrícolas, industriais e bens de consumo –, como destacado pelo autor, os caminhoneiros

raramente são reconhecidos como agentes fundamentais da cadeia produtiva, pesar de não só para levar e trazer mercadorias, os vários microempreendedores têm como principal cliente os caminhoneiros, entre eles estão os vendedores de broas, artesanatos em geral, frutas, doces, calçados, e até a prostituição, que é uma atividade quase que totalmente dependente do transporte rodoviário de cargas e dos caminhoneiros. Apesar disso, esses profissionais são vistos muitas vezes apenas como peças do sistema, invisibilizados mesmo quando exercem uma função estratégica para o desenvolvimento econômico.

O sétimo capítulo discute a participação política dos caminhoneiros, mostrando que, embora frequentemente invisíveis, eles se organizam em greves, paralisações e redes de solidariedade para lutar por direitos e dignidade. Roberto Rosa dedica este capítulo à participação dos amigos caminhoneiros, onde eles dão sugestões, reclamações e comentários de modo livre; ele as transcreve da mesma forma que recebeu, incluindo algumas frases escritas no para-choque dos caminhões: “Os caminhoneiros que dirigem caminhões novos e modernos, não esnobem quem está com um caminhão mais velho e menos potente, principalmente na estrada” (p. 120); “Amigo caminhoneiro irresponsável, minha família espera pelo meu retorno, aposto que a sua também espera pelo seu [...] Todos os postos de combustíveis deveriam ter banheiros decentes” (p. 121).

O oitavo e último capítulo, a "Mensagem Final", retoma o tom afetivo e de gratidão aos caminhoneiros, reconhecendo sua dignidade e importância para o Brasil. A linguagem poética reforça o convite à empatia e à reflexão crítica sobre o descaso social e político com os chamados heróis da estrada.

Apesar de ser uma obra importante para revelar o cotidiano dos caminhoneiros, a ausência de amparo teórico consistente e de fontes acadêmicas limita a análise de Roberto Rosa. O autor não explora suficientemente a relação entre o transporte rodoviário e os processos macroeconômicos, nem une a questão do trabalho e identidade dos caminhoneiros com teorias sociais relevantes. Além disso, a obra carece de revisão textual mais rigorosa, apresentando repetições desnecessárias e algumas falhas de coesão que podem prejudicar a compreensão de leitores menos familiarizados com o tema.

Mesmo com essas limitações, a obra possui méritos importantes, principalmente ao dar voz aos caminhoneiros e incluir falas e percepções diretas. O livro tem valor como documento etnográfico e como denúncia social; ele oferece um relato fiel de quem vive nas estradas e revela as dimensões invisíveis da logística nacional. A linguagem acessível, o tom de bate-papo e as ilustrações sobre os tipos de caminhão tornam a leitura fluida e aproximam o leitor da realidade retratada. Rosa demonstra empatia e respeito pelos trabalhadores, que são a espinha dorsal do transporte rodoviário no Brasil.

O livro, portanto, cumpre seu objetivo de dar visibilidade ao cotidiano e desafios enfrentados por esses profissionais, mesmo com limitações metodológicas. Desse modo, é uma ótima referência para acadêmicos das ciências humanas e sociais, estudantes de logística e transporte e interessados em compreender o Brasil profundo que se move sobre rodas e as vozes que ainda hoje insistem em se fazer ouvir.

Referências

ROSA, Robeto. *Caminhoneiros e caminhoneiras: o alicerce que o Brasil não conhece sob a ótica de um vendedor de broas*. Maringá: Viseu, 2024.

Sumário de *Caminhoneiros e caminhoneiras: o alicerce que o Brasil não conhece sob a ótica de um vendedor de broas*

Introdução

Surgimento do Transporte Rodoviário de Cargas no Brasil

O Caminhão

O artista principal

A saúde do caminhoneiro

A atividade

Importância Econômica e Social

Participação dos caminhoneiros

Mensagem Final

Resenhista



Lirithy Tavares é mestrande e graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). ID Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7507243436386202>; ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-3578-1218>; Redes sociais; @lirithy; E-mail: tavareslirithy@gmail.com.

Para citar esta resenha

ROSA, Robeto. *Caminhoneiros e caminhoneiras: o alicerce que o Brasil não conhece sob a ótica de um vendedor de broas*. Maringá: Viseu, 2024. 125 p. Resenha de: TAVARES, Lirithy. Escuta e asfalto.. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 5, n. 21, p. 36-40, jan./fev., 2025.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).